



QUILOMBOLANDO IDEIAS : NEGRITUDES E REGISTRO EM CENAS

Cristina Soares*

Assisti à TV pela primeira vez aos sete anos de idade, porém, anos mais tarde, meu pai comprou uma TV da marca Telefunken, que apagava quando “esquentava o motor” e só voltava a imagem depois que levava um forte tapa na lateral de madeira. Era impressionante as emoções que as imagens daquela tela em preto e branco podiam me causar.

Como eu estudava no período vespertino, assistir TV pela manhã era um lazer que minha mãe nos permitia após terminar de arrumar a casa. Os programas da manhã eram os que mais me interessavam, pois eram onde estavam os assuntos da minha idade. Os desenhos animados tinham heróis que eu adorava, a maioria eram masculinos, também gostava muito dos heróis mutantes, ou com protagonistas que eram animais.

As crianças nas ruas tinham camisetas desses heróis da TV, eu mesma sonhava em ter minhas roupas ou materiais escolares com esses personagens. Entretanto, curiosamente, não havia nenhum herói ou heroína negros. Existiam, sereias, cachorros, gatos e dragões, mas nenhuma pessoa negra aparecia na telinha e todos esses desenhos eram apresentados em um programa por uma mulher loira chamada de “rainha dos baixinhos”, cercada por outras mulheres loiras.

A primeira vez que me dei conta do termo rainha foi quando comecei a assistir TV e realmente acreditava que aquela mulher era nossa rainha, sendo assim, ela me representava. No entanto, com o passar do tempo, fui percebendo que ela em nada se parecia comigo, assim como os demais heróis e heroínas que estavam presentes na telinha. Não obstante, fui naturalizando que aquelas eram as pessoas que deveriam estar naquele lugar, eles decerto foram investidos de um poder divino para estarem ali.

Quanto mais assimilava sua posição superior, mais assimilava que os que eram diferentes deles eram inferiores. Na luta entre o bem e o mal, o bem sempre aparecia claro e o mal escuro, o mal sempre se parecia mais comigo do que o bem, mas como queria ser considerada alguém do bem me apegava nos heróis que em nada se pareciam comigo e isso, de certa forma me fazia negar quem eu era, pois minha estética não parecia agradável para estar na TV, nem ainda para ser considerada como algo bom.

Na época, eu não tinha noção do impacto que essa falta de representatividade causava tanto em mim quanto nas outras crianças negras. Em 1994, quando era ainda criança, o Carnaval que minha mãe insistia para que não assistíssemos, pois era coisa do demônio, apresentou a nós outra rainha, uma rainha que chega ao clarear do dia nos embalos do enredo da escola de samba Unidos da Viradouro, mas essa rainha sim, se parecia comigo, tinha uma imponência e uma determinação que era só dela, mas que me lembrava as histórias que minha mãe contava de meus avós já falecidos antes de meu nascimento.

* **Cristina Soares dos Santos**, ilustradora, professora, pós-graduada em Ensino de História e Geografia, mestre em História pelo Mestrado Profissional em História na UFMT.

A rainha nos remetia a nossa ancestralidade, a rainha não era dos baixinhos, era de toda uma população que resistiu durante anos a escravidão e a injustiça. E ver essa outra narrativa pela TV levava quem assistia a questionar o porquê da invisibilidade negra nas telas, o porquê daquela mesma tela nos levar a ter uma visão tão negativa a nosso respeito. Quem dirigia todo aquele espetáculo televisivo?

A rainha que olhava para nós lá da tela da TV nos fazia gostar da cor de nossa pele, do nosso cabelo e de tudo aquilo que nos ligava à mãe África. Quem era ela? Era a Rainha Tereza de Benguela, que liderou o quilombo do Quariterê por 40 anos, estrategista, inteligente e inspiradora. Tereza de Benguela estava lá no palco da escola de samba Viradouro, enquanto nós, população preta, de cá, sem acreditar que era possível existir uma heroína desse nível tão próxima de nós. Era tão incrível que parecia ficção, mas Tereza foi e é real, não somente a rainha Tereza de Benguela, mas as muitas Terezas que lutam todos os dias contra a opressão do colonialismo, da invisibilidade. Somos nós as Terezas de hoje que quilombamos ideias, ideias que possam revolucionar e trazer novos olhares sobre as velhas verdades, mostrando que nossa negritude é nossa força e nos orgulhamos de saber de onde viemos, pois quem dirige o nosso espetáculo somos nós.

